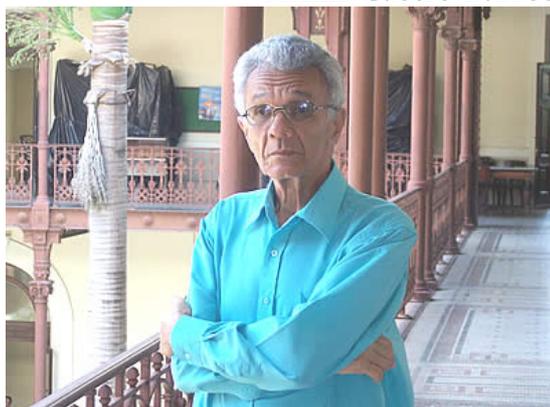


Ritmo dos Nus

Almir Castro Barros



Conversa

Permanecemos
Entre sonâmbulos
Que nada enxergam
Da manhã nascendo
No céu que expõe
Veias de fogo.

Milena

Ao estancarem as cartas
Morre o amor ou o romance
E por que foste tu
Se poderias voltar
Pelo açoite dos invernos?
Como ficou
O amor é um caos
E não vens.

Retrato de Parede

Lembro de minha mãe
Que mantinha poços secos
Entre os muros das clavículas
E o resto do corpo era sertão

Crônica da Infâmia

Entre sátrapas nada tem nome
Assim é o coração
Arquipélago sem sonho
Nessa instância.

A inocência não se cumprirá
Eis que o fulgor de sua lâmpada
Acenderá facas nos covis.

A solidão
Minará a alma dos culpados
Que só querem cantar.

Pra Depois

Permaneça tudo como está
Mas na estação
Que espero vivo para a morte
Sobre minha pedra surja um cisne negro
Bique algum ramo
E se esquivando à comoção presente
Fuja para as nuvens.



Anônimos de Junho

A grande poesia do mundo
Aguarda em hospedarias
Os anônimos de junho.

Permanece nos amantes
Que viandantes do breu
Amargam silenciosos.

A grande poesia do mundo
Inventa o sonho nos tristes
Ou germina em quintais
Quando pássaros cirandam
E crianças voam.

Nem as Aves

Agora aprendi o caminho dos túneis.
Neles
O vô são esses trens soturnos
Que partem de meus olhos.

Oh, estações que não deixam ver
A terra e a dor me conduzindo
Para onde um século é coisa vã.

Alusões

Não me tentando outro motivo
Tenho o dia em chamas
E súplicas noturnas quando encontro
Bandeira viajante de becos
Em trem que pelas telhas
Esbarra nas sacadas -depois voa -
Deixando-me na cidade que clareia
Redobrando a vigilância
Contra cães e sujos.



Se já nem sonho

Década após década cada um
Se aproxima do último caminho
Quando uma árvore ou o amor
É só isso.

Alguns desabam pela dor
Outros desaprendem a comoção,
De tanto aplauso.

Eu,
Se já nem sonho
Abro um atlas e viajo
Escolhendo com a mão onde Anoitece
Cedo.

Ritmo dos Nus

A agenda é um soco ou violenta flecha:
Aqui devo açoitar, adiante cair
Mas nunca, nunca Andar.

E ao meu lado ainda vai bater
Em seus tambores – quando prostrado –
Eu conto no céu algumas lâmpadas.



Ardentias

Amar

Um dia,
Foi como derramar-se
A cordilheira
Dos teus olhos
Sobre mim
- Subjugado.

Herança

De contedores ou esborradas tigelas
Escondo a minha arte,
Em luz e sede
Peregrinas.

E peço a muitos passarinhos:
Trinarem
Quando inventar o mundo
O que fui,
E eu já não tenha
Voz.

Guerras

Ainda vivos, alguns
Choram por muitos
Mortos.

Ao redor
Ondulam fogo e estrépitos,
Até ninguém
Chorar.

Então,
De fogueiras e silêncio serão todos,
Todos os tesouros.



Quase dia

Os galos já se atrevem
A cinzelar becos
E aos sítios dar rubor.

Nisso
Retorna o insossego,
Essa luta
De lágrimas e triunfo.

Um Endereço

Ninguém morre mais
Onde nasceu.

A cidadezinha olha,
Olha no caminho.
Mas a casa espera
Dez, cem
Anos.

Depois esquece
Entre tantas sem
História.

Solidão

O estilete de
Matar-me são
Teus olhos
Longe

Império
Sobre a cinza triunfante
Do que fez em mim
O teu jejum.



Robert Frost

Dezembro não se desvencilha
Das formigadas ruas de agonia
E fingimento.

Este não seria o tempo
De você perder o trem dos imigrantes?

E outra vez mandar o seu poema
Aos surdos dele,
Verdugos que em dezembro
Choram?

Manhãzinha

É um diamante;
Vale ouro:
Tocar no mínimo de mim
Quando chamado para as álgebras do dia
Por anônimo trinado
Ou nesga de sol salteador
Do meu telhado

Só

E pelas lentes da distância
O pensamento vai
Vai
Aonde estão carneiros diminutos
A balir.



Como Histórias de Calvino

Num quintal de Paris
Sultão revolve uma lixeira.
-Ali terá o acossado
feito esconder as minhas turmalinas -.
"Mal dissimulo ao afirmar desconhecido
o que incendiou o corpo do cadáver".
-Luiz ou é Borges
Quem o escreveu?-
pergunta-se o editor.
E mentirá de novo:"estou
no encalço dos seus originais".
Adiante esquecido: "O título
que a eles deu?"
Enquanto caça enredos
Cavedagna recorda melancólico
seus preferidos livros de um dia.
Faziam-no sonhar porque
nascidos de nomes invisíveis.

